



VILA FLORES - RS

LEI MUNICIPAL Nº 2176,

DE 23 DE JANEIRO DE 2018.

DENOMINA O CENTRO DE EVENTOS DE VILA FLORES SITUADO NA ERS 437 COMO CENTRO DE EVENTOS PINHEIRO SECO.

O Prefeito Municipal de Vila Flores, no uso de suas atribuições legais;

Faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - É denominado o Centro de Eventos de Vila Flores situado na ERS 437, acesso a Linha Marechal Deodoro da Fonseca como **CENTRO DE EVENTOS PINHEIRO SECO**.

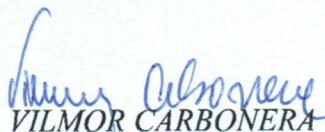
I - O Centro de Eventos de Vila Flores, que contempla a área de, aproximadamente, 12 hectares de terra, situada na ERS 437, passa a ser denominado como **CENTRO DE EVENTOS PINHEIRO SECO**.

Art. 2º - Faz parte desta Lei o Curriculum Vitae da História do Município através do Livro PINHEIRO SECO do Frei Adelar Rigo e Orildo Longhi, bem com, registros históricos.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Vila Flores, 23 de Janeiro de 2018.


VILMOR CARBONERA

Prefeito Municipal

Foi efetuada a publicação
em 23/01/2018

deiros, extremamente belicosa e sedenta de liberdade, era uma constante ameaça para a integridade nacional, para a integridade do império. Essa necessidade tornou-se mais premente a partir da assim chamada "Guerra dos Farrapos", da qual, a classe dos fazendeiros saiu avantajada. Para tanto, a imigração representava uma solução a médio e longo prazo, uma vez que, os imigrantes, provindos de outras terras e alheios à problemática política do país, não se submeteriam tão facilmente aos interesses dos fazendeiros.

Era também objetivo do Governo Brasileiro que os imigrantes, trabalhando a lavoura, produzissem gêneros alimentícios para as cidades que iam surgindo e para abastecer os postos militares, numerosos nessa região de fronteiras. Acontece que os colonos açorianos haviam sido trazidos para cá com essa mesma finalidade: abastecer as cidades e os postos militares de gêneros alimentícios. Contudo, muitos deles foram tornando-se donos de estâncias. Rapidamente tornaram-se auto-suficientes na alimentação, dedicando-se, a seguir, à criação de gado e ao comércio do charque e outros derivados, que eram bem mais lucrativos, abandonando, assim gradativamente, as finalidades pelas quais haviam sido trazidos ao continente. Dessa forma, os colonos alemães e italianos foram trazidos para preencherem o claro deixado e abastecerem as cidades e os postos militares da província do Rio Grande do Sul.

Além desses objetivos, há, ainda, o objetivo tão propalado, que era a necessidade de colonizar extensas áreas de terra que, até então, estavam praticamente abandonadas e improdutivas. Além de colonizar essas terras e torná-las produtivas, o Governo objetivava, por meio da assim chamada "colonização exemplar", formar pólos de atração para uma colonização de cunho nacional.

2. AS COLONIAS ITALIANAS DO RIO GRANDE DO SUL

A colonização italiana em Pinheiro Seco, atual Vila Flores, no município de Veranópolis, só será bem entendida se for vista dentro do contexto da imigração italiana do Rio Grande do Sul.

2.1 - Visão geral

O movimento oficial de colonização italiana no Rio Grande do Sul teve início no ano de 1875 e estendeu-se até, mais ou menos, 1910. Porém, houveram várias etapas no estabelecimento dos imigrantes. A 1ª etapa abrange as colônias de Caxias do Sul (Nova Milano), Dona Isabel (Bento Gonçalves), Conde d'Eu (Garibaldi) e Silveira Martins e vai de 1875 a 1884.

Nova Milano — 1ª e 2ª Léguas de Caxias do Sul —, segundo Dom José Baré, foi o primeiro lugar a ser colonizado por imigrantes italianos, sendo que a primazia coube às três famílias milanesas de Stefano Crippa, Luigi Sperafico e Tommaso Radaelli, que partiram da Itália no dia 8.1.1875, chegando ao Brasil um mês depois. O tirolês Cirillo Zamboni é um dos primeiros imigrantes italianos que chegou à colônia Conde d'Eu, aos 15.11.1875, já então habitada por suíços franceses. No dia 24.12.1875, entraram os primeiros imigrantes italianos em Dona Isabel, sendo a maioria deles tirolezes. Silveira Martins situa-se no coração do Rio Grande do Sul, próximo a Santa Maria, a 402 km de Porto Alegre. Lá os imigrantes italianos chegaram no ano de 1877 (Costa e Batistel, 1981).

Destas colônias do nordeste do Estado — Caxias do Sul, Dona Isabel e Conde d'Eu — desmembraram-se, posteriormente, estas outras colônias: Nova Vicenza (Farrroupilha), colonizada por imigrantes vicentinos e trevisans, em 1885 e 1886; Nova Trento (Flores da Cunha), colonizada por imigrantes tirolezes, em 1879;

São Marcos, em 1885; Nova Pádua, em 1885; Carlos Barbosa, Ana Rech e outras.

Uma vez que a margem leste do rio das Antas já estava ocupada, iniciou-se a 2ª fase, que compreende as colônias Antônio Prado e Alfredo Chaves (Veranópolis), que ficam do outro lado do rio das Antas. Esta etapa vai de 1884 a 1894. Antônio Prado, situada entre os rios das Antas e da Prata, recebe os primeiros imigrantes no mês de abril de 1887. Alfredo Chaves antiga "Roca Reúna", assim chamada por ser um local de parada e descanso para os tropeiros que iam de Lagoa Vermelha a Montenegro, foi fundada em 1884 pelo Dr. Júlio da Silva Oliveira, chefe da Comissão para divisão das terras. A esta colônia pertencia Pinheiro Seco (Vila Flores).

2.2 - A ex-colônia Alfredo Chaves

Atualmente, Vila Flores é um distrito do município da antiga "Roca Reúna", depois Alfredo Chaves e, hoje, Veranópolis.

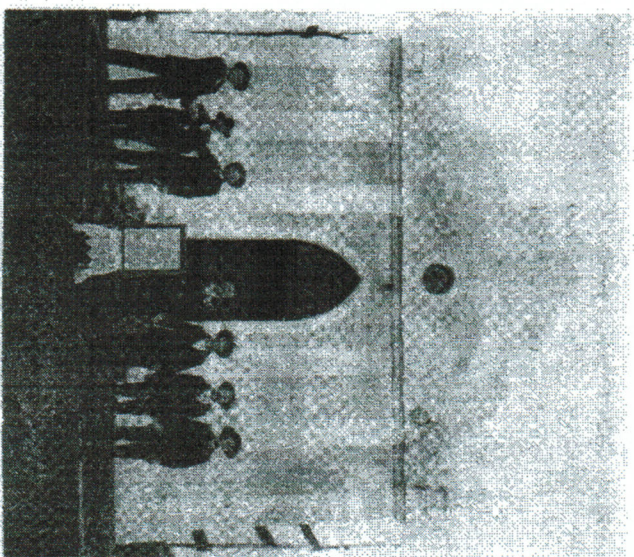
"Os oferecimentos do poder público brasileiro e a grande necessidade de "pão e trabalho" do italiano se encontram e a 20.5.1875, os primeiros imigrantes italianos chegam ao Campo dos Bugres, hoje, Caxias do Sul" (BAREA, 1925, p. 13). Os imigrantes aumentaram e a comissão encarregada da colonização viu-se forçada a criar uma nova colônia para estabelecer os que chegavam a cada ano. Na colônia Conde d'Eu não havia mais lugar para os novos contingentes de imigrantes, sempre mais numerosos e, em Dona Isabel, não era mais possível, senão além do rio das Antas. Assim, o chefe da comissão desta colônia atravessou o rio para fundar uma nova colônia, que se chamaria Alfredo Chaves. Por volta do ano 1884/1885 chegaram os primeiros imigrantes italianos.

A posição geográfica da nova colônia e a riqueza do solo davam muita esperança. A comissão enviava numerosos imigrantes para a nova colônia. Assim, apesar da distância e do isolamento, o desenvolvimento da colônia foi rápido e surpreendente. Em 1892, Alfredo Chaves tornou-se independente e autônomo, com uma população estimada em 23.000 habitantes. Este ato, no entanto, ficou sem efeito devido às reclamações dos habitantes da

colônia, que preferiam continuar como distrito de Lagoa Vermelha. Somente a 15.1.1898, a colônia desmembrou-se definitivamente de Lagoa Vermelha, tornando-se município autônomo. Com essa mudança, Vila Flores passou a ser distrito de Veranópolis.

2.3 / De "Pinheiro Seco" a Vila Flores

Inicialmente, o local da atual sede do distrito de Vila Flores, no município de Veranópolis, era, como tantos outros na Imigração Italiana, uma simples capela dedicada a Santo Antônio de Pádua, lugar de encontro para fins religiosos, encontro para reza comum do terço, oração predileta dos primeiros imigrantes do lugar. Logo após, surgiu um capitel de madeira, dedicado a Santo Antônio e, mais tarde, uma ermida, pequena capela, dedicada ao santo.



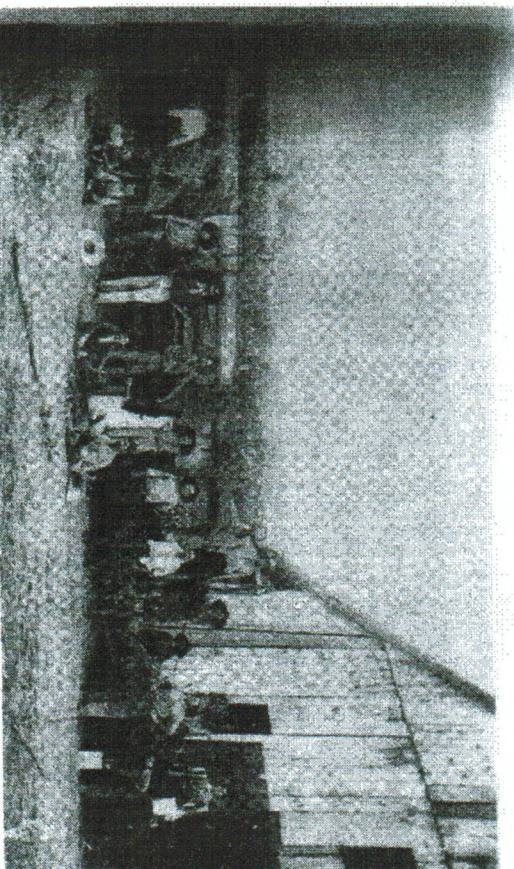
Vê-se a Fachada da 1ª capela, construída em 1896, vendo-se também a 1ª imagem de Santo Antônio, ladeada pelos fabriquiteiros da época (1902).

Vila Flores é a evolução natural de um povoado que foi crescendo em torno de uma capela dedicada ao Santo dos milagres. Situa-se num descampado aberto, entre as localidades de Veranópolis e Nova Prata (Capoeiras). Como ponto intermediário entre essas duas localidades, tornou-se um lugar adequado aos carreteiros e tropeiros para descanso, para pouso, para merenda ou frugal refeição acompanhada de chimarrão, para abeberar ou dar descanso aos animais e para troca ou redistribuição das parrelhas.

Muito antes de ser chamada capela Santo Antônio, este apraiável local era conhecido pelo nome poético e bem ligado à terra: "PINHEIRO SECO", nome diretamente ligado à atividade dos primeiros agricultores, que, para fazer suas primeiras roças, cortavam as matas, queimando-as, depois, para, finalmente, começar o plantio do milho. As pessoas que passavam perto de uma nova roçada, recém-queimada, costumavam dizer: "Che bela quarta de milho che se pol implantar!" E que as roças novas sempre eram inauguradas com o plantio do milho, aproveitando-se o terreno limpo pelo fogo. O milho era plantado à distância de um metro entre os pés, e um metro e vinte centímetros entre as filas. Inicialmente usava-se um dispositivo de madeira resistente e pontiagudo, impulsionado a mão, chamado "spocion" (saraquá), o qual perfurava a terra para se colocar a semente. O plantio do milho era feito diretamente, a saraquá, logo após a queima, sem necessidade de lavar ou capinar, como se exigia para o trigo que era plantado a arado e enxada.

As árvores derrubadas, logo que secassem, eram queimadas deixando o terreno limpo para o plantio do milho. Esta operação era muito comum no início devido à abundância de árvores e o baixo preço da madeira. Além disso, essa era a melhor maneira de limpar o terreno. Com o tempo, porém, a árvore começou a ser reconhecida no seu devido valor. Pinheiros e madeiras de lei começaram a ser mais respeitados. Tornou-se frequente o fato de agricultores que, em suas roçadas, deixavam de pé algum pinheiro de copa ou um renque de pinheiros ou de outras árvores de madeira de lei, especialmente angicos e cedros.

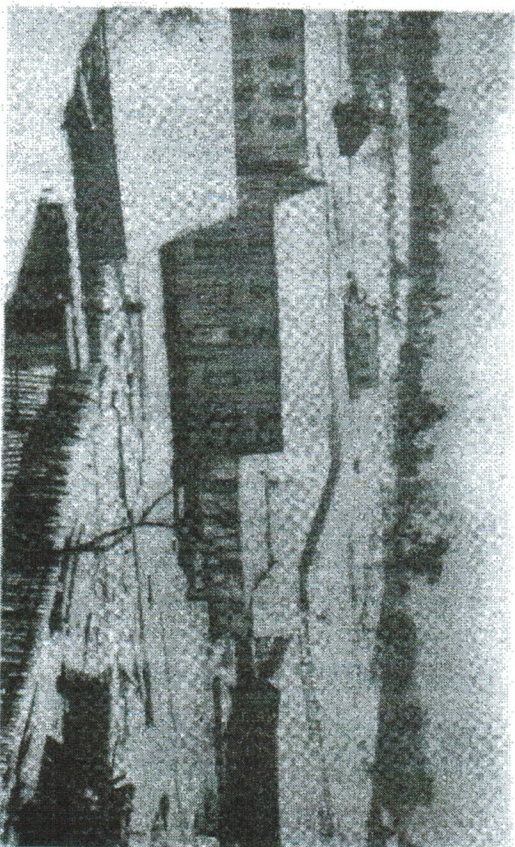
Na atual sede do distrito de Vila Flores, numa antiga roçada, se tentara preservar do fogo um enorme pinheiro de copa,



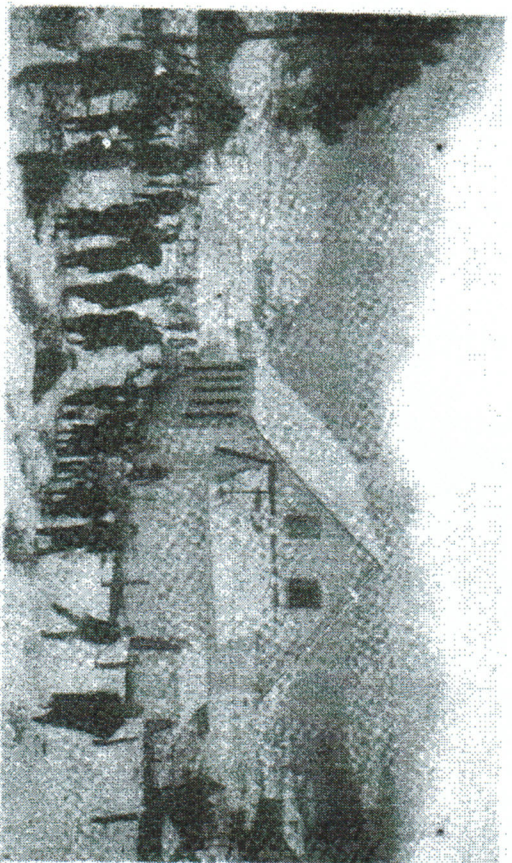
Pinheiros auxiliando-se no trilhar o trigo, por volta de 1921. Isso testemunha a profunda importância que havia naquela época e que ainda subsiste em algumas localidades.

As labaredas foram tão altas que o pinheiro foi queimado. Como assim o pinheiro permaneceu de pé por muito tempo, para semunhar seu protesto e seu luto pela queima de seus irmãos colmãs da floresta. De vez em quando, algum galho requeitado e desgastado pelas intempéries, ia caindo, até que veio a copa, depois parte do tronco, depois o tronco, sobrando só nós como vértebras do colossal esqueleto vegetal. Esta arauca, sepultada de pé, proclamando um futuro próximo, quando o sem olharia para um pinheiro como para uma jazida de ouro, ora o fogo impiedoso, conseguiu salvar seu tronco morto, mas carbonizado, e ter o privilégio de dar seu nome à localidade. Passantes, tropeiros e viajantes, diante desta cena de protesto, começaram a marcar o local com o nome de "PINHEIRO SECO", que teria sido mais correto se fosse "PINHEIRO QUEIMADO". Eis a razão pela qual "PINHEIRO SECO" está a origem do nome do atual distrito de Vila Flores.

A partir de 1920, Pinheiro Seco, passou a denominar-se Vila Flores, em homenagem à família Fiori, uma das primeiras famílias de imigrantes italianos a estabelecer-se na localidade. A palavra



Visão parcial de Pinheiro Seco por volta de 1901.



Visão panorâmica de Pinheiro Seco durante a nevada de 1913.

"fiori", em italiano, é plural de "fior", que significa flor. Portanto, Vila Flores seria uma tradução do sobrenome da família Fiori Flores. Não se refere a "flores" de jardim, mas a "flores" de família. A família Fiori foi a primeira flor da península italiana que levou sua contribuição cultural, religiosa e política à localidade, assumindo destacada liderança até o presente.

Sob a administração municipal de Fabiano Rescke, Vila Flores foi elevada à categoria de 4º distrito do município de Leopoldópolis, através da resolução 217, de 1951.

4.4 - De capela a Vila

Vila Flores foi um local de encontro por razões de fé. Começou-se com a construção de um capitel dedicado à Santo Antônio, depois uma capela e, finalmente, uma igreja paroquial. Santo Antônio, ou "Pinheiro Seco", ou "Santo Antônio do Pinheiro Seco", ou "Pinheiro Seco em Santo Antônio", ou "Pinheiro Seco de Santo Antônio", transformou-se em Vila Flores.

Vila não significava, no início, distrito, mas apenas povoado com certa organização religiosa, social e comercial. Havia algumas famílias dedicadas ao atendimento comunitário, com lugar de pouso e casa de pasto. Com origem nas capelas, muitas comunidades tornaram-se vilas com a posterior organização social, enquanto outras, situadas em lugares menos estratégicos, permaneceram apenas capelas.

Vila Flores criou suas raízes comunitárias em torno a Santo Antônio. Ao capitel ligou-se o cemitério da localidade, ou fundou o capitel para ter-se o cemitério. Os primeiros imigrantes penetravam logo ou eram levados a pensar, por ocasião da morte de um parente ou vizinho, no destino de um terreno para o cemitério. Cemitério e capitel — ora um, ora outro — tornaram-se o início de uma vinculação religioso-comunitária, comum à Imigração Italiana no Estado. Exemplo provável de antecedência do cemitério ao capitel é a localidade da Capela São Roque, em Veranópolis. Três meses após a chegada dos primeiros imigrantes, em 1885, falecia um deles e seu sepultamento ocorreu na gleba do atual cemitério, ao redor do qual surgiu, depois, o capitel, a capela, e muito posteriormente, a escola.

Pergunta importante a fazer é a seguinte: Por que nem todas as capelas passaram a ser vilas e algumas vilas passaram a ter capelas ou passaram a ser capelas? No caso de Vila Flores, o local do capitel, cemitério e capela, quase simultaneamente, foi um lugar de pouso para os viajantes e para seus animais, dada a sua esplêndida localização geográfica. Sapopema — Capela São Cristóvão —, a uns quatro quilômetros de Vila Flores, inicialmente foi uma vila com casa de pasto e casa comercial e, só na década de 1950, se tornou capela.

A localização é um fator ecológico que faz surgir tanto capelas como vilas. Não obstante a coexistência de capela e vila, ou a tendência de uma à outra e vice-versa, a diferença da origem da capela e da vila está no suporte da vida comunitária, em que se baseia a capela. A vila, porém, ou surgindo espontaneamente ou surgindo como decorrência da capela, caracterizou-se apenas pela existência de alguns serviços secundários, sem que se tenha notícias de que casas comerciais, casas de pasto, casas de pouso, tenham liderado a organização comunitária que, ainda hoje, é suporte de grande número de empreendimentos sócio-assistenciais e religiosos na região de Imigração Italiana.

2.5 De capela a paróquia

Como a maioria dos povoados na imigração italiana, Vila Flores surgiu a partir de um centro de oração, um local onde os imigrantes se reuniam para rezar, para se encontrar com seu Deus e celebrar a vida nova que eles estavam vivendo aqui na América. Vida essa que, provavelmente, era bem diferente daquilo que a propaganda emigratória lhe havia feito, mas que, no entanto, ainda assim era melhor daquela vida que a maioria deles vivia na sua pátria de origem.

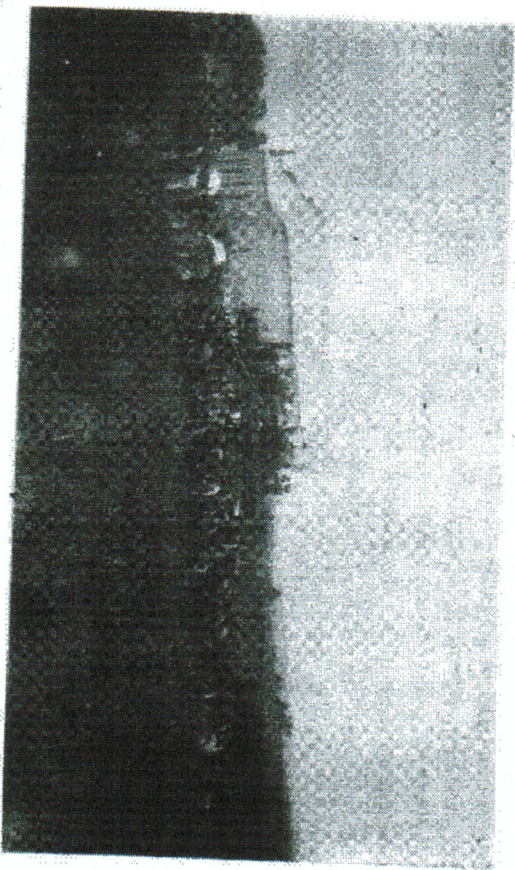
Esse local de oração dos imigrantes rapidamente era marcado pela presença de um capitel que, em Vila Flores, foi o de Santo Antônio, o santo dos milagres. A partir desse capitel a comunidade foi crescendo e, aos 4.3.1951, deu-se a fundação da nova paróquia.

A primeira igrejainha foi construída no lugar do capitel, o qual situava-se nas terras atualmente pertencentes a Dovílio

Palme. Ela media 5x4m e, no frontispício, tinha uma grande estela como distintivo. Com o tempo, a população da comunidade foi crescendo e, na capela, não havia mais espaço para todos. Por isso, pensou-se em fazer um novo templo. Houve divergências quanto ao local. Uma ala da comunidade, representada pelas famílias Galli, Magliavacca, Rampi e Meneghetti, queria que a nova capela fosse construída mais ao poente de onde estava a primitiva capelinha, enquanto que a outra ala, representada pelas famílias Lunardi, Fiori, Andreoli, Doro, Sileo e Rigon, queria que fosse construída ao lado da estrada geral. A comunidade, por meio de votação, optou pela segunda proposta, a qual foi reforçada pelo senhor Frederico, "o alemão", que doou todos os tijolos e os transportou com galioeta até o local da construção.

O fato de como a comunidade chegou à decisão de construir a nova capela, qual o local e como isso tudo foi decidido, é muito importante e deve ser levado em conta, para podermos melhor entender. Naquela época, a construção de uma capela, sua localização, lamambo, estilo arquitetônico, enfim, tudo o que se refere à construção de um templo, tinha importância para toda a comunidade, pois a igreja representava a comunidade e as comunidades se orgulhavam de sua igreja-templo. Por isso, era muito importante que toda a comunidade participasse dessa decisão, mesmo porque a quase totalidade da comunidade era católica e era praticante, ou participante. Sendo todos católicos e participantes da comunidade, eles entendiam que tinham direito e também dever de tomar parte numa decisão tão importante e que isso não poderia ficar somente a cargo de uma pessoa ou de algumas pessoas — como, hoje, infelizmente, ocorre seguidamente —. Essa decisão não poderia ficar a cargo somente de uma pessoa — no caso o vigário — ou de um grupo de pessoas — no caso, a diretoria —, mas, uma vez que era de interesse de toda a comunidade, todos deveriam participar. E assim foi que fizeram: decidiram democraticamente, mediante o voto de todos. Assim, quando se chegou à decisão, todos colaboraram na construção daquela que seria a capela de todos e não somente a capela da ala vitoriosa. Isso pode servir de exemplo para nós, hoje, não somente na política global do país, mas também e principalmente, nas decisões paroquiais e até diocesanas, porque somente uma escolha livre compromete responsável e livremente as pessoas.

... e grandes gastos 4 anos na construção do novo templo. Toda a comunidade participou dos trabalhos de construção. A comunidade participava em mutirão, liderada pelos construtores, que conheciam muito bem seu ofício. Concluídos os trabalhos, aos 13.6.1896, Dom Mateus Pasquali, vigário de Alfredo Chaves, deu a bênção à nova capela e aos sinos, sendo fabriquiteiros Valentino Presotto, Antônio Rigo e Felice Zilli. A festa de inauguração foi uma das maiores já realizadas na localidade.

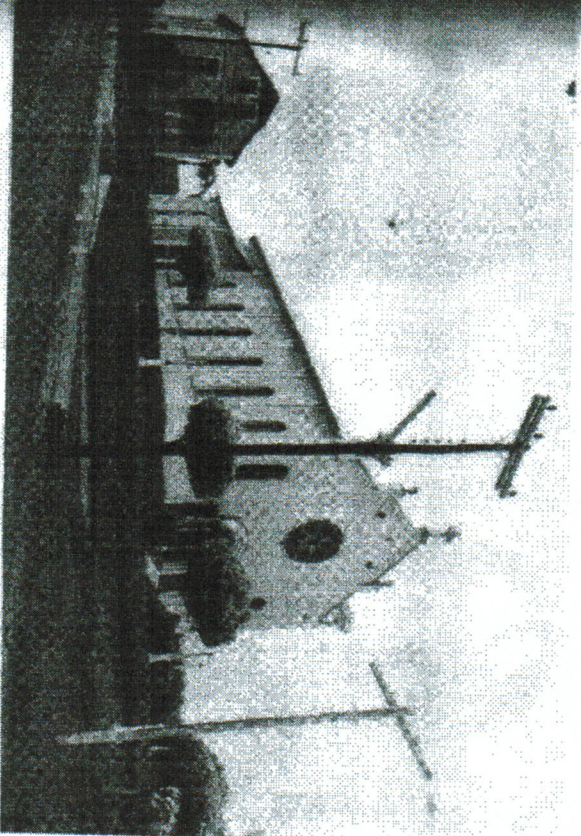


Aspecto da bênção dos sinos e visão parcial da primitiva capela, demolida em 1956.

Desde o início da comunidade até sua elevação à categoria de paróquia, ela foi liderada, religiosamente, pelos capelães leigos, "preti di scapoera". No início, a visita do sacerdote era caso muito raro, devido à falta de padres e também devido às distâncias que havia entre as comunidades. Essas distâncias deveriam ser vencidas a cavalo, o que levava muito tempo. Por isso, o atendimento religioso por parte do sacerdote, era muito raro. Isso, para os imigrantes constituía-se um problema, que foi solucionado com a instituição da figura do capelão leigo, escolhido pela comunidade. Normalmente, era alguém que sabia ler e escrever razoavelmente, a fim de poder dirigir as cerimônias religiosas na comunidade. O capelão devia ser também uma pessoa de comprovada vida cristã,

... da comunidade. Era alguém que iria liderar a comunidade, dar catequese (doutrina) aos filhos da comunidade, officiar as missas de exéquias, conduzir o ritual da semana santa e dirigir o culto dominical. Enfim, ele fazia quase tudo o que o padre, exceto confessar e celebrar missa, porém, não era ordenado. Os maiores esclarecimentos sobre a figura do "padre leigo", encontram-se na obra de Arlindo Batistel — "Colônia Italiana: religião e costumes" (1981).

Quase todas as comunidades tinham capelães e, em muitas delas, havia mais do que um capelão, como era o caso de Vila Rica. Muitos desses capelães destacaram-se em seus ofícios: a maioria, em alguns casos, serem preferidos, pela comunidade, a sacerdotes. Em "Pinheiro Seco" salientaram-se os capelães Benedito Presotto e João Lunardi. Ainda hoje, muitas pessoas lembram essas figuras de homens dedicados à comunidade e exemplos de vida cristã, segundo os moldes da época.



Igreja matriz e casa paroquial.